

"O ESPAÇO FÍSICO E A QUALIDADE DE VIDA EM FAVELAS DE LONDRINA - PR."^c

NÉLIO ROBERTO DOS REIS^a
MÁRCIA SUELI CAVICHIOLI^b
MARILÉIA BIAZON^b

RESUMO

Tendo a ecologia humana o homem como centro de interesse nas suas relações com os animais, vegetais e o meio físico, objetivamos com este trabalho tomar conhecimento do espaço, qualidade das moradias e dados a respeito do percentual etário, profissões exercidas e renda familiar dos favelados. Em sete meses de coleta em seis favelas na área metropolitana de Londrina, vimos que a população de 772 pessoas ocupa casas de 27,6m² com 2,6 cômodos, onde vivem em média 5,1 pessoas. Os indivíduos abaixo de 25 anos representam 68,3% da população e 63% de toda a comunidade trabalha como bóia-fria. Sessenta por cento recebe menos de três salários mínimos. Uma boa atitude seria a de se dar melhores condições de trabalho e bem estar aos favelados, que constituem parte integrante da população, e aperfeiçoar suas condições de vida na própria favela, em vez de mudá-los para outro local.

PALAVRAS-CHAVE: *Favela; Favelados; Qualidade de vida.*

- a. Departamento de Biologia Geral – CCB/Universidade Estadual de Londrina.
b. Estagiária do Departamento de Biologia Geral – CCB/Universidade Estadual de Londrina.
c. Agradecemos aos professores: Maria Cristina Amoroso, da UNESP, Cláudio Müller, Joaquim Carvalho da Silva, Maria Regina Filgueiras dos Reis e Tadeu Elisbão, da UEL, pelas sugestões nos originais.

1 – INTRODUÇÃO

O ser humano, independente de seu nível econômico, social ou étnico tem direito a um ambiente sadio, ecologicamente equilibrado e adequado ao pleno desenvolvimento da vida. No entanto, a realidade brasileira atual nos mostra um quadro substancialmente diferente, onde parte considerável da população ocupa as chamadas favelas.

Favelas são aglomerados humanos onde a relação espaço população é pequena, de maneira a concentrar, numa determinada área, um número de indivíduos superior ao que ela poderia comportar sob condições razoáveis de vida. Este espaço é ocupado por pessoas de condições sócio-econômicas muito baixas e que possuem cuidados higiênicos básicos precários por falta, quase sempre de rede de água, esgoto e luz.

MODESTO (1967) expõe que o êxodo decorrente da mecanização da agricultura, o aumento da urbanização, a inflação e a ausência de uma política de desenvolvimento que estabeleça o equilíbrio terra-população-economia, são elementos que contribuem sistematicamente para o crescimento das favelas nas grandes cidades. A absorção da população pelas grandes cidades através das migrações é um fenômeno que decorre do comportamento natural e cultural do homem de aglutinar-se onde há equipamentos coletivos e, teoricamente, melhores oportunidades econômicas.

Até agora, segundo BAPTISTA FILHO (1977), os estudos que têm sido feitos sobre estes assuntos contemplam mais as situações das vantagens e dos inconvenientes das grandes concentrações humanas.

Analisar as populações faveladas por meio somente de dados estatísticos não é tarefa cabível ao ecólogo. No entanto, como em Ecologia humana, o centro de interesses é o homem nas suas relações com os animais e vegetais, e ainda com todo o meio físico, procuramos desenvolver um trabalho objetivando tomar conhecimento do espaço físico e qualidade das moradias dos favelados, bem como fornecer dados complementares a respeito do percentual etário, profissões exercidas e renda familiar.

2 – METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi escolhida como meio de se obter os dados necessários para o conhecimento do modo de vida e para o acompanhamento das mudanças que nele se processavam. Porém, houve dificuldades em se definir uma metodologia adequada, pela ausência de referencial teórico bem definido. Seguiu-se, então, a proposta de LIMA (1984) e, após várias discussões e consultas, optou-se por uma metodologia que refletisse mais uma experiência vivenciada do que passos definidos a priori pela literatura.

Durante o período de agosto de 1986 a fevereiro de 1987, estivemos na área estudada, que compreendeu

seis favelas na região metropolitana de Londrina-PR., sendo elas Favela Nossa Senhora da Paz, Carambeí, Vila Marisa, Vila Rica, Franciscato e Marabá. A escolha dessas se deu, entre outros motivos, pelo conhecimento das mesmas, facilidade de acesso a elas e pela sua equidistância entre si (Fig. 1).

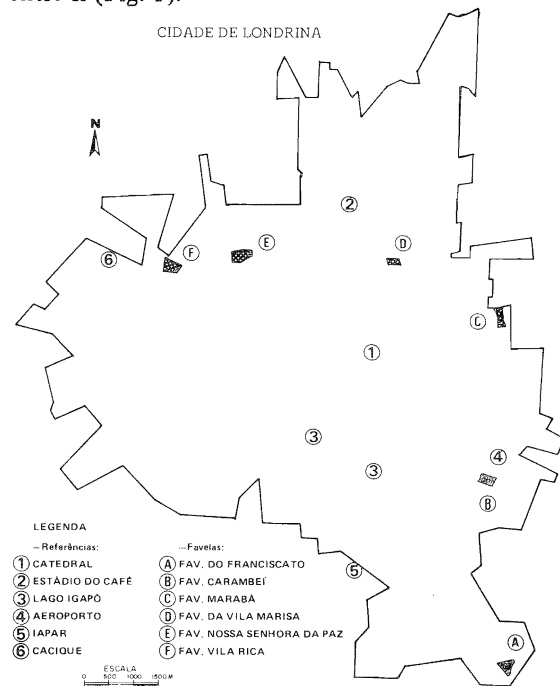


Fig. 1 - Localização das favelas estudadas na área metropolitana de Londrina, Pr.

Segundo dados da Cohab, a cidade de Londrina possui no total cerca de 16 favelas. Destas, algumas são reconhecidas pela prefeitura municipal uma vez que possuem lotes demarcados, enquanto outras estão irregulares.

Assim como GARP (1971), estivemos na área estudada mantendo contato com as pessoas da comunidade, realizando entrevistas que seguiam questionários pré-estabelecidos, tentando obter as informações desejadas através de conversas informais. Nessas visitas foram feitas medições de todos os terrenos, casas, e também cômodos. Através desses dados esboçamos um padrão médio de casas.

3 – RESULTADOS

Durante as 60 horas que convivemos com estas famílias procuramos esquadrihar as condições em que vivem, analisando e questionando, sob a ética da Ecologia humana, os aspectos referentes ao espaço físico, qualidade das moradias, percentual etário, profissão que o favelado exerce dentro da comunidade e sua renda familiar.

A população estudada abrangeu 150 famílias de favelados, totalizando 772 pessoas. Estas ocupam lotes irregulares, com área equivalente ao tamanho das moradias ou de tamanhos pré-estabelecidos, medindo 104m². As casas apresentam em média 27,6m², com 2,6 cômodos, onde vivem 5,1 pessoas, compreendendo uma área de 5,4m² por indivíduo (Fig. 2)

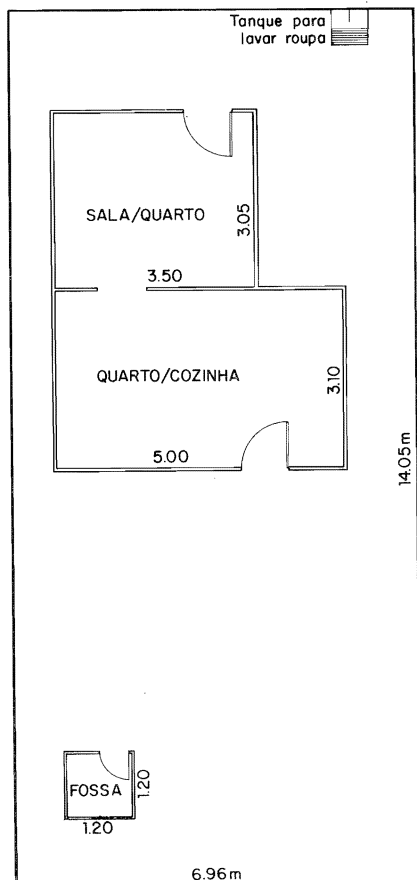


Fig. 2 - Modelo Padrão de casa das Favelas Estudadas.

As moradias foram construídas pelos próprios favelados e como mostram as tabelas (1, 2 e 3), os materiais usados na cobertura são predominantemente eternite e cerâmica; nas paredes em sua maioria, foram empregadas tábuas usadas e no piso, quase sempre, chão batido. Esses materiais são geralmente ganhos ou comprados de restos de construção civil. Aproximadamente 80% das casas possuem luz e água encanada, 74% dos banheiros são do tipo fossa, 14% possui patentes e 11,3% não possui instalações sanitárias. A iluminação natural é insuficiente devido a um número mínimo de janelas e também pela proximidade das casas (Tab. 1, 2 e 3).

TABELA 1 - TIPOS DE COBERTURA UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DAS CASAS DOS FAVELADOS

TIPOS	Nº DE CASAS	%
Telha de eternite	76	50,67
Telha de cerâmica	35	23,33
Telha de alumínio	2	1,33
Plástico	2	1,33
Tábuas comuns	1	0,67
Compensado	1	0,67
Associações de:		
Plástico		
Eternite	33	22,00
Cerâmica		
Compensado		
TOTAL	150	100,00

TABELA 2 - TIPOS DE PAREDE UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DE CASAS

TIPOS	Nº DE CASAS	%
Tábua	98	65,33
Tijolo	3	2,00
Tijolo furado	2	1,33
Madeirite	2	1,33
Aglomerado	2	1,33
Casca de Kiri	2	1,33
Associações de:		
Zinco		
Plástico	41	27,33
Compensado		
Casca de árvore		
TOTAL	150	100,00

OBS.: Os materiais utilizados geralmente são ganhos ou comprados de demolições, principalmente tábuas.

TABELA 3 - TIPOS DE PISO UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DAS CASAS

TIPOS	Nº DE CASAS	%
Chão batido	56	36,67
Cimento com vermelho	36	24,00
Acimentado	17	11,33
Assoalho de madeira	17	11,33
Cerâmica	3	2,00
Associações de:		
Vermelho		
Chão batido	22	14,67
Assoalho		
Cerâmica		
Aumentado		
TOTAL	150	100,00

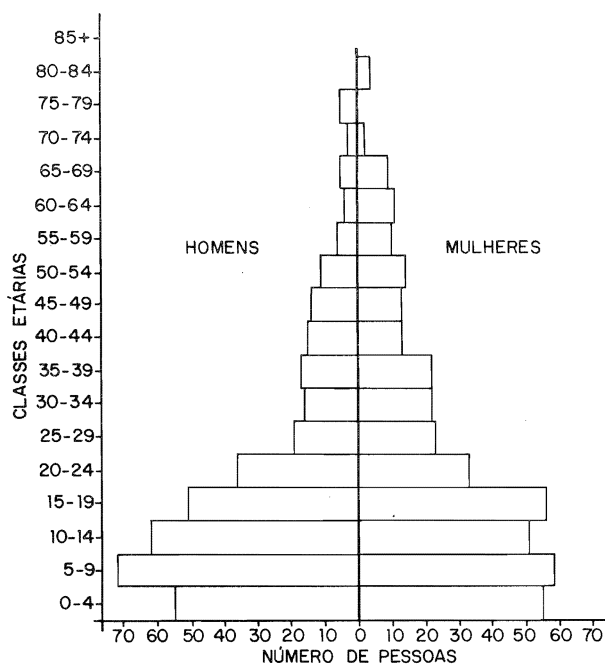


Figura 3 - Dados estatísticos da população favelada estudada em classe etária.

Das 772 pessoas envolvidas neste estudo, 392 (50,7%) são do sexo masculino e 380 (49,3%) do feminino. A classe jovem (abaixo de 25 anos), representa 68,3% desta população (Fig. 3).

A população favelada economicamente ativa é representada pela faixa etária dos 14 aos 65 anos e ocupa, dentro da comunidade, funções como a de pedreiro, bóia-fria, operário, doméstica, entre outras. (Tab. 4).

TABELA 4 – TABELA DAS PROFISSÕES DOS FAVELADOS ESTUDADOS

PROFISSÕES	Nº DE PESSOAS
* BÓIA-FRIA	63
** OPERÁRIO	35
DOMÉSTICA	33
SERVENTE DE	
PEDREIRO	24
FAXINEIRA	20
PEDREIRO	13
*** TRABALHOS MANUAIS	09
DESCARREGADOR	
DE CAMINHÃO	07
CATADOR DE PAPEL	07
COSTURADOR DE SACOS	05
JARDINEIRO	05
VENDEDOR (MERCEARIA)	05
VIGIA	04
PINTOR	04
LAVADEIRA	04
APOSENTADO	20
OUTROS	29

* Os bóias-frias trabalham na colheita de algodão, café e outros produtos por ocasião das safras.

** Os operários são pessoas que geralmente trabalham em fábricas ou indústrias próximas das favelas como a Indústria Têxtil Carambei, Bratac e Cativa.

*** As pessoas que têm como atividade a confecção de trabalhos manuais são crianças em idade escolar que trabalham no juizado de menores por somente um período.

Das 150 famílias consultadas 60% da população recebe menos de 3 (três) salários mínimos, como pode ser visto na tabela 5.

TABELA 5 – RENDA FAMILIAR DOS FAVELADOS ESTUDADOS

RENDA FAMILIAR	Nº DE FAMÍLIAS	%
Até 1 salário mínimo	17	11,33
Até 2 salários mínimos	40	26,67
Até 3 salários mínimos	33	22,00
Até 4 salários mínimos	12	8,00
Até 5 salários mínimos	13	8,67
Mais de 5 salários mínimos	11	7,33
Faixa não definida	24	16,00
TOTAL	150	100,00

Os principais motivos de migração dessas famílias para as favelas foram: tentativa de possuir casa própria (35,33%), saída do campo (26,67%) e esperança de uma

vida melhor (39%). Dessa população, 97,33% possui “casa própria”; 34%, no entanto, demonstra-se insatisfeita devido às condições de higiene nas favelas serem precárias por falta de esgoto.

4 – DISCUSSÃO

A Assembléia Geral das Nações Unidas reunida em Estocolmo, em 1972, atendendo à necessidade de estabelecer princípios comuns que sirvam de inspiração e orientação à humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano, enuncia vinte e três princípios sob o título de “Declaração sobre o Ambiente Humano”. O 1º princípio diz: “O homem tem direito fundamental à liberdade, à igualdade e ao desfrute de condições de vida adequada, em um meio ambiente de qualidade tal que lhe permita levar uma vida digna, gozar de bem estar, e é portador solene de obrigação de proteger e melhorar o meio ambiente para as gerações presentes e futuras. A esse respeito, as políticas que promovem ou perpetuam a segregação racial, a discriminação, a opressão e a dominação estrangeira permanecem condenadas e devem ser eliminadas”. Não é preciso ir longe para sentir que nossa realidade é outra.

Aqui mesmo nas favelas de Londrina as casas têm tamanho médio de 27,6 metros e abrigam em média 5 pessoas. Essas casas são baixas, sendo que mais de 50% delas são cobertas com eternite usado e esburacado, o que as tornam mais quentes no verão e mais frias no inverno, piorando substancialmente as condições das moradias. Estes problemas associados ao fato de que a maioria das casas é de chão batido e que muitas vezes estão situadas em lugares inclinados, faz com que, em época de chuva, a enxurrada desça por entre elas misturando-se com fezes de crianças. Todos esses fatores favorecem infecções principalmente as parasitárias que são adquiridas na própria habitação.

Os favelados têm condições de construir sua própria casa, só que a qualidade é péssima, haja vista que todo material é ganho ou comprado de resto de construção civil. As paredes são, em sua maioria, de tábuas usadas, esburacadas e sem matajuntas, tomando o inverno bem mais rigoroso.

A pirâmide etária verificada na população favelada é a proposta por ERLICH (1974), típica de países em desenvolvimento, onde a base é composta por jovens de até 15 anos, e larga em relação à classe etária economicamente ativa. Poucos trabalham para o sustento de muitos.

Dentre as profissões levantadas, a de bóia-fria é a que tem maior número de adeptos pela falta de qualificação profissional dos favelados, o que torna imenso o número de desocupados fora das épocas das colheitas, aumentando a miséria já existente.

Sessenta por cento da comunidade apresenta renda inferior a 3 (três) salários mínimos. Esta quantia é insufi-

ciente para a manutenção de uma família, uma vez que a ONU (Organização das Nações Unidas) estipulou que seriam necessários US\$ 75 dólares para garantir o sustento básico de uma pessoa. (POLLITT, 1980).

Diante de quadros como o acima exposto, vemos que o mundo moderno conta um número impressionante de milhões de indivíduos mergulhados na mais absoluta miséria. Subnutrição permanente, fome crônica, falta de condições mínimas de higiene agravam este estado, o qual, segundo TINBERGEN (1975) está claramente caracterizado nas comunidades faveladas, e o problema habitacional tende a agravar-se no mundo inteiro. SCHAD & ROZERBOOM (1976) concordam que "as favelas que se localizam em periferia de áreas urbanas aumentam em número e, até que esta tendência desapareça e surjam novas atitudes com respeito ao saneamento, o progresso urbano será lento. Conclui-se que a explosão desenfreada de recursos naturais são alguns fatores preponderantes pela crise habitacional pela qual atravessam os países em desenvolvimento".

Concordamos com AVILA-PIRES (1983) onde trata da desvantagem dos favelados em relação às comunidades rurais, por não poderem lançar mão dos recursos complementares de alimentação com produtos de flora e fauna nativas; a elevada densidade demográfica, aliada a deficiências ou a ausências de uma infra-estrutura de serviços sanitários e de suprimento de água adequada, facilita o trânsito das infecções parasitárias. Segundo o mesmo autor, a contaminação do solo e da água é regra geral.

GASPAR (1971) opina que "incluir-se a erradicação desses núcleos populares entre as medidas saneadoras parecem-nos equivalentes a admitir a concepção dualista que

considera a favela como um apêndice ou corpo estranho dos centros urbanos. Atitude mais acertada seria a de fornecer melhores condições de trabalho e bem estar às populações faveladas, que constituem parte integrante da população urbana em processo de desenvolvimento. Constitui-se também nosso ponto de vista que o passo mais acertado seria oferecer condições de vida adequadas na favela, e não simplesmente trocar esta comunidade de lugar ou extirpá-la como um mal qualquer.

A atuação do ecólogo na sociedade moderna tem sido marcada por atitudes polêmicas. O pequeno número de profissionais e a grande quantidade de amadores e curiosos que assim se intitulam, aliados ao reduzido corpo de princípios e conhecimentos imediatamente aplicáveis aos problemas diários e convencionais, são alguns dos fatores responsáveis pela aura de emotividade, e mesmo de suspeita que cerca a ecologia (BAPTISTA, 1977). Mas, como ciência, tem despertado, nos últimos anos, grande interesse na população e hoje, mais do que nunca, torna-se crescente a necessidade de equilibrar o nosso meio ambiente.

Como o homem nas suas relações com os animais e vegetais juntamente com todo o meio físico é foco de estudo da ecologia humana, nada mais relevante do que se considera os meios utilizados para suprir as sociedades de suas necessidades financeiras essenciais.

Nosso trabalho, portanto, pretende oferecer dados concretos que possam auxiliar em futuras tomadas de decisões no que tange à comunidade favelada, para que estas decisões possam ser mais conscientes. Poderíamos citar aqui Hipócrates que, há milhares de anos atrás, afirmou que a Saúde expressa a harmonia existente entre o ambiente, o modo de vida e os vários componentes da natureza.

ABSTRACT

As the Human Ecology focuses the man and his relationship with animals, plants and physical environment the present study aimed at collecting information concerning space, housing quality, as well as age, profession and family income of slum dwellers in the area of Londrina, PR. Collections were carried out during 7 months, and 6 slums were visited. It was found that 772 people inhabited houses with an average size of 27.6 square meters, with 2,6 rooms and a population of 5,1 persons. 68,3% of the people were individuals below 25 years old whereas, 63% worked as "bóia-fria" (farm workers at harvest time). From 150 families, 60% received lower than three minimum wages. It was concluded that the correct attitude should be to give slum dwellers better conditions of life, housing and work within their own slums other than try to remove them from the site.

KEY WORDS: *Slum; Shantytown.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – AVILA-PIRES, Fernando D. de. *Princípios de Ecologia Humana*. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS/Brasília, CNPq, 1983.
- 2 – BAPTISTA FILHO, Olavo. *O homem e a Ecologia; atualidades sobre Problemas Brasileiros*. São Paulo, Ed. Pioneira, 1977.
- 3 – ERLICH, Paul R. & ANNE H. *População, recursos, ambiente*. São Paulo, Polígono e EDUSP, 1974.
- 4 – GARPAR, Luciano M. *Integração econômica e social de uma favela*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, 2(1): 37-77, jan/jun. 1971.

-
- 5 – LJMA, Maria José Araújo. *Ecologia Humana; realidade e pesquisa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.
- 6 – MODESTO, A. Autor do projeto de Construção do Centro Cívico para Fortaleza. 1967.
- 7 – POLLITT, Ernesto. *A pobreza e a população infantil da América do Sul Texas*, Centro de Ciências e Saúde da Universidade do Texas, 1980.
- 8 – SCHAD, G.A. & ROZERBOOM, L.E. Integrated control of helminths in human populations. *Rev. Ecol. Syst.*, 7: 393-420.
- 9 – TINBERGEN, J. *Desenvolvimento planejado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- Recebido para publicação em 22/12/88
-